



Anexos

C12 cotidiano ★ ★ ★ SEXTA-FEIRA, 14 DE DEZEMBRO DE 2012

FOLHA DE S.PAULO

Projeto prevê deck e passarela com mirantes e bares no rio Pinheiros

Estrutura de 500 metros, voltada para ciclistas e pedestres, ligará o parque Villa-Lobos à Cidade Universitária

Com entrega prevista para 2014, obra faz parte de projeto para revitalizar marginais, segundo governador

EDUARDO GERAQUE
DE SÃO PAULO

Na beira do rio, decks para que as pessoas se sentem e contemplem a paisagem. No alto, na passarela, dois mirantes com bares, onde se chega apenas a pé ou pedalando uma bicicleta.

O cenário não é totalmente bucólico porque ele está em São Paulo, no rio Pinheiros, que exala com frequência um cheiro ruim. Tem ainda a marginal, com seu trânsito carregado e sua poluição.

Mas se o projeto do arquiteto Bruno Padovano, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, for feito na íntegra, em 2014 haverá muito mais que uma passarela para pedestres e ciclistas entre a Cidade Universitária e o parque Villa-Lobos (zona oeste).

"Vou fazer barzinhos nos mirantes na passarela. Embaixo, nas margens do rio,

haverá decks para quem quiser descansar. Da passarela sairão rampas para essas áreas na beira do rio", diz.

A construção deverá ter por volta de 500 metros de extensão. Serão duas pistas para bikes, em sentidos opostos, e duas calçadas. O projeto também prevê bancos nas duas laterais da passarela.

"Teremos uma capacidade para umas mil bicicletas, nos dois sentidos, por hora."

A estrutura será coberta. Nas laterais ainda se estuda a melhor forma de fechar os vãos, para evitar que ninguém atire coisas, segundo os responsáveis pela obra.

A passarela é extensa porque ela vai atravessar as pistas da marginal (nos dois sentidos), o rio e a raia olímpica.

MARGINAIS

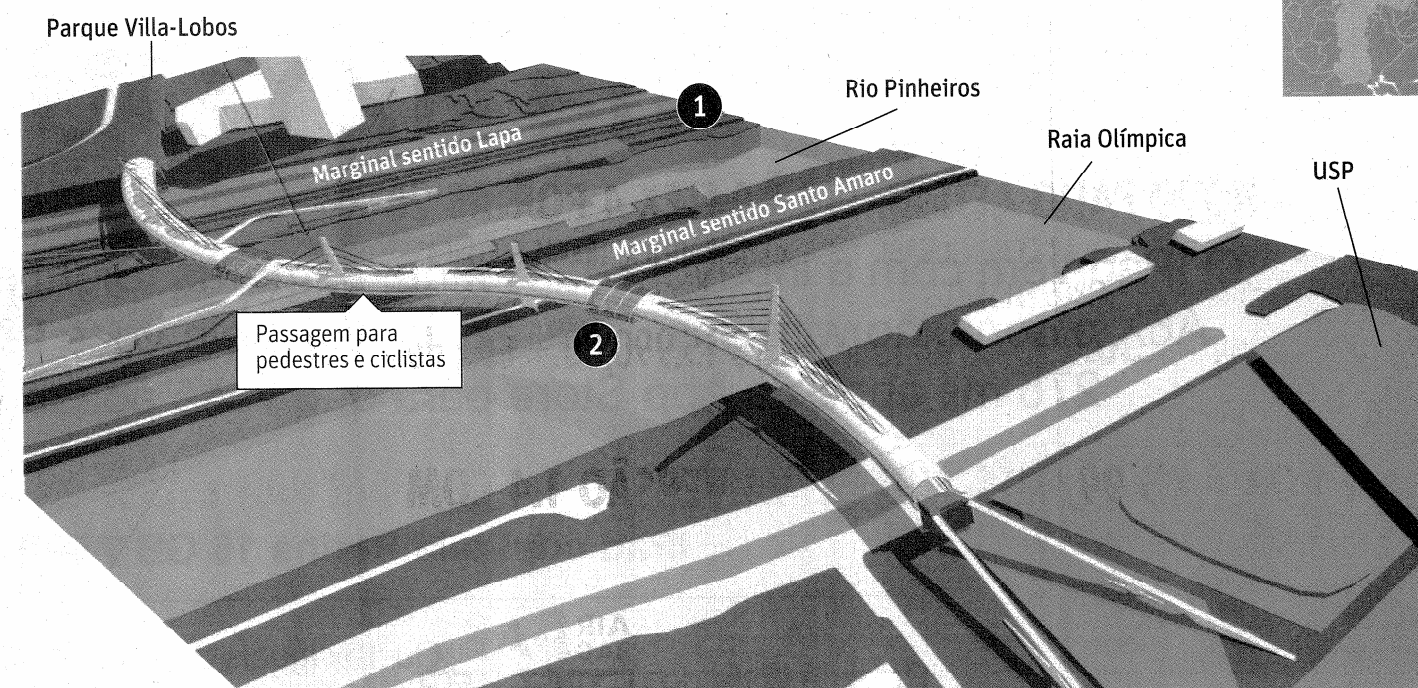
De acordo com o governador Geraldo Alckmin (PSDB), que lançou ontem o projeto em evento na USP, o custo está estimado em R\$ 80 milhões.

A construção faz parte da primeira etapa do projeto de requalificação das marginais Pinheiros e Tietê, afirmou.

"A segunda meta é requalificar uma área no Cebolão,

A CICLOPASSARELA DO RIO PINHEIROS

Projeto prevê ligar o campus da USP ao parque Villa-Lobos



usada hoje como bota-fora do material dragado dos rios", disse o governador. "Poderá ser um parque ou poderá ser um projeto para uma PPP [parceria público privada], com a integração com o comércio."

Sobre a poluição e o cheiro

do rio Pinheiros, o governador diz que o Estado está trabalhando para solucionar o problema. Uma das metas é coletar e tratar todo o esgoto na Grande São Paulo até 2020.

Para João Grandino Rodas, reitor da USP, a nova ligação

não tem apenas uma função de lazer. "Será uma nova entrada para USP. Pela proximidade com o trem [linha 9-esmeralda, da CPTM], vai facilitar o deslocamento de funcionários, alunos e professores."

Faz parte ainda do projeto

O QUE PREVÊ O PROJETO

- 1 Deck à beira do rio
- 2 Mirantes, onde poderão ser instalados barzinhos

PREVISÃO DE INAUGURAÇÃO
2014

CUSTO ESTIMADO
R\$ 80 milhões

EXPECTATIVA
20 mil pessoas/hora

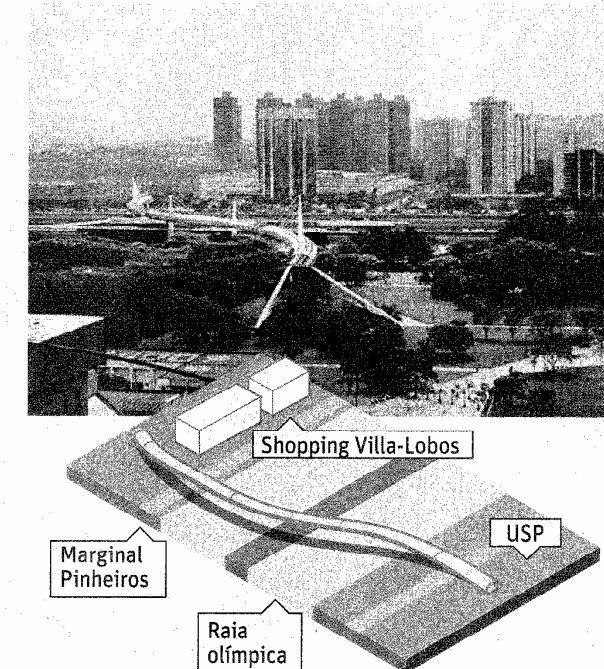
apresentado a mudança do muro entre a marginal e a raia olímpica. Mas pode ser que ele nem caia totalmente.

Existem várias soluções em estudo. Uma delas prevê a abertura de janelas, fechadas com vidro, no meio do muro.



Muro da Cidade Universitária, que será derrubado com a instalação de novo projeto urbanístico do Estado na região

O PROJETO DA PASSARELA
Passagem para pedestres e ciclistas vai ligar o campus da USP ao parque Villa-Lobos



O muro vai cair

Governo vai construir ciclopassarela ligando a USP ao parque Villa-Lobos; custo estimado é de R\$ 80 milhões

JAIRO MARQUES
DE SÃO PAULO

Uma "ciclopassarela" ligando a Cidade Universitária, nas imediações da raia olímpica, ao parque Villa-Lobos, na zona oeste, deve ser anunciada nos próximos dias pelo governo de São Paulo.

A iniciativa é parte de um megaprojeto para revitalizar as marginais de São Paulo.

Para ser construída, a obra vai exigir que se derrube os 2,3 km de muro, erguidos na década de 1960 para evitar invasões e risco aos usuários da área. Ainda não foi definido o que irá ocupar o lugar: grades ou outro tipo de material.

As obras de revitalização naquela região, que devem

começar no início do ano que vem, vão demorar pelo menos dois anos para serem concluídas.

INTEGRAÇÃO

A intenção do projeto é que a "ciclopassarela" se integre à ciclovia que já existe ao lon-

go dos trilhos da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos).

Parte dos investimentos feitos deve vir de financiamento do Banco Mundial. As conversas sobre um possível convênio estão em curso, segundo informações do órgão

internacional.

O governador Geraldo Alckmin (PSDB) ainda acerta os últimos detalhes do projeto para oficializar a divulgação do início das obras.

A previsão é que a "ciclopassarela" atenda, somente nos finais de semana, cerca

de 50 mil pessoas.

A ideia é que a instalação urbana permita o trânsito, de um lado a outro da marginal, de pedestres e ciclistas que frequentam o parque e a Cidade Universitária.

O investimento inicial previsto para a remodelagem da

área é de R\$ 80 milhões.

RÚSTICO

Há cerca de três anos, Andrea Matarazzo (PSDB), então secretário municipal de Coordenação das Subprefeituras de São Paulo e eleito vereador para o próximo mandato, tinha apresentado um projeto para acabar com o muro da Cidade Universitária que, segundo ele, prejudicava a imagem da cidade devido o seu aspecto rústico.

A motivação de Matarazzo era que o muro do Jockey Club de São Paulo, nas proximidades da ponte Euzébio Matozo, também fosse derrubado, mas isso não foi confirmado, por enquanto, no atual projeto do governo.

USP vai cortar 1,3 mil árvores no câmpus do Butantã

Desmate já foi autorizado pela Prefeitura e é um dos maiores da cidade; área dará lugar a um complexo de museus em 2013

Rodrigo Burgarelli

Considerado um dos locais com mais áreas verdes na capital paulista, o câmpus da Universidade de São Paulo (USP) no Butantã, zona oeste, vai perder 1.328 árvores nos próximos meses. Essa pequena mata, equivalente a um Parque Trianon ou da Aclimação, vai dar lugar a um conjunto de museus planejado pela reitoria desde 2001. O corte é um dos maiores aprovados neste ano pela Secretaria do Verde e do Meio Ambiente.

Para se ter ideia do tamanho do desmatamento, toda a obra de duplicação da Marginal do Tietê em 2009 derrubou cerca de 800 árvores, pouco mais da metade do que será cortado na USP. A universidade será obrigada a manter no local apenas 217 árvores, além de plantar outras 6 mil mudas no local. "O problema é que serão cortadas árvores adultas, robustas, que trazem um grande benefício para o clima daquela região. Já essas mudas só trarão efeito similar daqui a 20 ou 30 anos", disse o ambientalista Carlos Bocuhy.

A área fica do lado da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, próximo da Avenida Corifeu de Azevedo Marques. Para Bocuhy, o local é inadequado para uma obra desse porte. "Existem várias outras áreas na USP com bem menos árvores, que trariam um impacto muito menor. É impossível que esse local, onde será necessário cortar mais de 1.300 árvores, seja a melhor alternativa nesse caso", afirma o ambientalista.

As árvores são consideradas essenciais por especialistas pois ajudam a umidificar o ar em zonas localizadas dentro da cidade, o que contribui para a dispersão dos poluentes e alivia os efeitos causados pelo tempo seco. Outra contribuição das matas urbanas é a refrigeração da atmosfera nas redondezas e o aumento da circulação do ar.

● Poluição

A Cidade Universitária teve a pior qualidade do ar em toda a capital entre agosto e setembro. O nível foi considerado mau em cerca de um terço do período. O principal vilão foi o ozônio.

fera nas redondezas e o aumento da circulação do ar.

Projeto. O plano da USP é erguer no local o chamado "Parque dos Museus", um conjunto de 53 mil m² projetado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha que será sede do Museu de Arqueologia e Etnologia e do Museu de Zoologia. Isso só será possível justamente por causa de uma obra considerada irregular pelo Ministério Público, que obrigou a incorporadora Brookfield a contribuir financeiramente com o projeto após danificar um sítio arqueológico no Itaim-Bibi, onde constrói um prédio.

O diretor do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da USP, Thiago Aguiar, afirma que não houve discussão sobre o local escolhido pela reitoria para se erguer as novas sedes dos museus. "Esse plano de construção de novos prédios, que vai gastar R\$ 240 milhões dos cofres públicos, não foi nada democrático. Não tivemos a chance de discutir nem sobre o impacto dessa obra na área verde do câmpus nem sobre sua finalidade, que também é



HÉLVIO ROMERO/AE

Verde mudas de ser plantar para compes as obra

questionável", diz.

A universidade, por sua vez, afirma que todo o processo está sendo feito de acordo com as orientações da Secretaria do Ver-

de e Meio Ambiente. Segundo a USP, o projeto é importante para a comunidade acadêmica, uma vez que vai aproximar o Museu de Zoologia à Cidade Univer-

sitária - hoje, ele funciona no bairro do Ipiranga, na zona oeste. O novo complexo de museus vai aumentar a área disponível para as exposições. A previsão de inauguração é em 2013.

SP na Gaveta | Museu do Cerrado

Diego Zanchetta e Rodrigo Burgarelli

Siga a coluna e a repercussão no: estadao.com.br

USP espera museu 'vivo' do cerrado

Prometido para dezembro de 2011, o "museu vivo" do cerrado na Cidade Universitária, na zona oeste, se resume a apenas uma portaria assinada pelo reitor João Grandino Rodas. O espaço seria formado por uma das últimas reservas desse tipo de vegetação que sobraram na capital paulista. O núcleo do museu ficaria em um terreno de 3 mil m², ao lado do Instituto de Biociências. Segundo a Universidade de São Paulo (USP), o mapeamento das áreas terminará em 180 dias.

1. Qual a importância do Museu do Cerrado para São Paulo? Até quase o fim do século 18, parte da cidade era coberta por vegetação típica do cerrado. Mas o cerrado foi praticamente extinto com o avanço da urbanização, a partir do século 19. Um dos raros remanescentes dessa vegetação na capital estão dentro do campus da Universidade de São Paulo. O projeto do museu era criar também um bolsão de proteção ao que restou do cerrado e abrir uma trilha no local para visitação.

2. De quem foi a ideia de criar o espaço? Logo após a reportagem do Estado revelar no ano passado que a USP cortaria 1.328 árvores para dar lugar



Câmpus. Reserva de mata

a um complexo de museus, o colunista da Rádio Estadão ESPN Ricardo Cardim – que também é aluno de pós-graduação no Instituto de Botânica – foi até o local e constatou que

uma significativa e rara área de cerrado estava localizada no entorno da obra. O trecho mais bem preservado, com uma variedade rara de língua-de-tucano e uma das poucas totalmente cobertas por capim-flecha do cerrado, estava dentro do perímetro a ser modificado pela construção.

3. O que foi feito depois? Após uma série de reuniões entre estudantes e administração, a Coordenadoria de Gestão Ambiental prometeu preservar essas áreas por meio de um "museu vivo do cerrado", que seria aberto à visitação. Segundo promessa feita à reportagem em outubro de 2011, tudo já estaria pronto no dia 7 de dezembro daquele ano.

4. Como funcionaria o museu? A coordenadoria prometia cercar o local do cerrado, identificar as espécies e, dessa forma, criar uma trilha aberta à visitação. A área também teria sua vegetação natural recuperada, com a retirada de espécies invasoras.

5. Porque o museu ainda não saiu do papel? Segundo a assessoria, a portaria criando as reservas ecológicas foi publicada na semana passada. Em 180 dias, o levantamento topográfico e o mapeamento das áreas serão concluídos. Só depois disso é que serão feitos os planos de manejo – que vão determinar as regras de visitação e recuperação da vegetação.

AQUEM RECLAMAR

Prefeitura de São Paulo
<http://sac.prefeitura.sp.gov.br>

Ouvidoria Geral do Município
(11) 0800-175717
(11) 3334-7132

Ministério Público
(11) 3119-9000
ouvidoria@mp.sp.gov.br

Sugestões para a coluna?

MANDE DICAS E COMENTÁRIOS PARA:
DIEGO.ZANCHETTA@GRUPOESTADO.COM.BR OU RODRIGO.BURGARELLI@GRUPOESTADO.COM.BR

Parque Tecnológico começa a sair do papel

Depois de 11 anos de promessas, governo do Estado assinou contrato com empresa que fará as obras de R\$ 15,7 mi

Com um atraso de 11 anos, o governo do Estado assinou ontem o contrato para tirar do papel o Parque Tecnológico São Paulo-Jaguariú, prometido desde 2002. A obra na zona oeste da capital paulista será feita pela empresa de engenharia Incorplan, que venceu uma concorrência pública. O valor do contrato é de R\$ 15,7 milhões.

Segundo a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia, as obras começarão ainda neste mês e, na



Projeto. Croqui do Parque Tecnológico de São Paulo

próxima semana, mais detalhes sobre o projeto serão divulgados. A previsão é de que o local esteja pronto para ser inaugurado até o fim do ano, já que as



À espera. Inauguração está prevista para o fim deste ano

obras devem durar dez meses. A ideia do governo estadual é que o local concentre diversas empresas do setor de tecnologia, nanotecnologia e pesquisa –

de nomes já consolidados no mercado até micro e pequenas empresas.

O Parque Tecnológico São Paulo-Jaguariú ficará em um ter-

reno de 46 mil metros quadrados na altura do número 526 da Avenida Engenheiro Billings, na esquina com a Marginal do Pinheiros e bem ao lado da Cidade Universitária. Hoje, o local, em uma das áreas mais valorizadas da zona oeste de São Paulo, está abandonado.

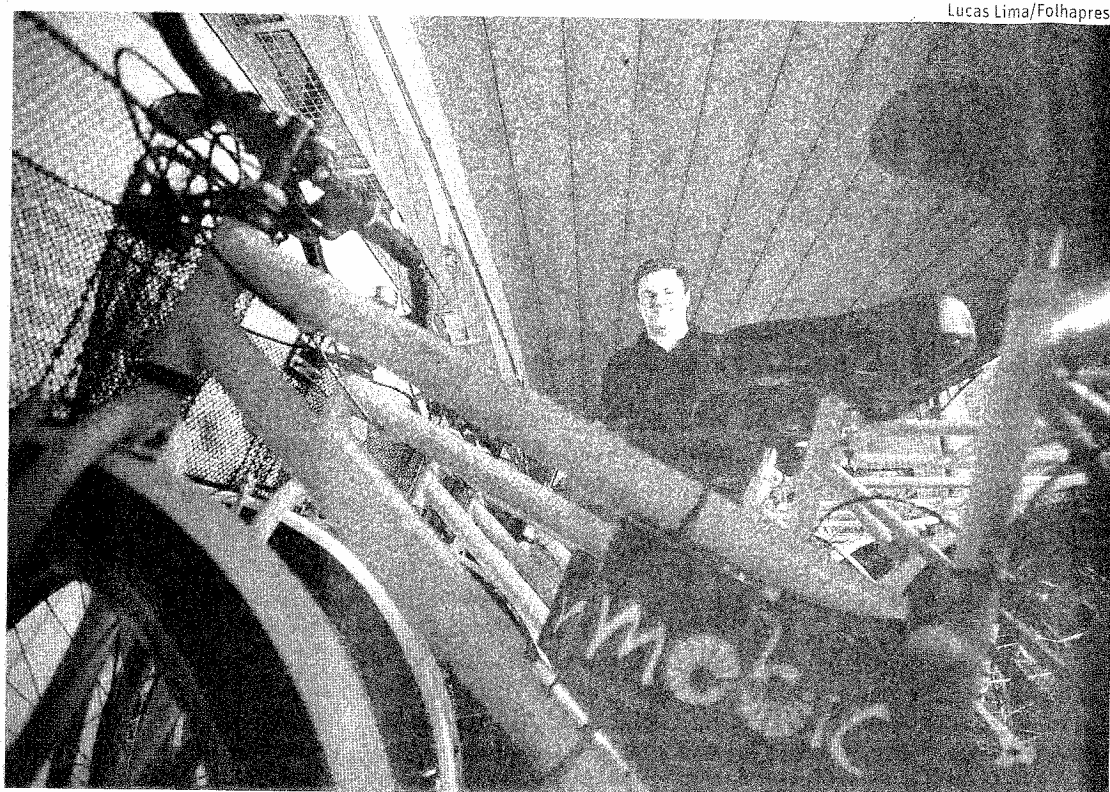
Mudanças no projeto inicial do governo do Estado causaram o atraso de mais de uma década nas obras. No mesmo terreno funcionou até 2010 o Museu da Tecnologia de São Paulo – naquele ano, o museu foi desalojado às pressas e uma das justificativas era de que as obras começariam logo, o que não aconteceu.

A época, o acervo de 150 peças do museu – que contam a história do desenvolvimento tecnológico de São Paulo – foi doado em comodato ao Museu Catavento, no centro, onde estão até hoje. Avião, locomotivas e carruagens do século 19 estão entre os itens.

Mas, depois de quase três anos sem ser usado, o prédio onde o museu funcionou por quatro décadas, entre 1974 e 2010, já apresenta sinais de degradação.

Há rachaduras nas paredes, problemas de umidade e infiltração nos forros e rombos na cca, que também apresenta sinais de ferrugem. Apesar das seguranças que tomam conta da área, o tamanho do terreno sem uso também favorece a presença de usuários de drogas, como o Estado mostrou em uma reportagem no mês passado.

Readequação. A Secretaria de Estado de Desenvolvimento afirma que o atraso se deu por causa de "readequações do projeto inicial", que previa a construção de uma Faculdade de Tecnologia (Fatec) do Centro Paula Souza no local – e não faz parte do novo projeto. / NATALY COSTA e VITOR HUGO BRANDALISE



Lucas Lima/Folhapress

Tiago Sossai, 23, estudante da Unicamp é um dos responsáveis pelo projeto no local

Empréstimo de bikes ganha força nas universidades

Maior parte dos projetos de expansão é dos próprios estudantes que têm como desafio facilitar acesso

Unicamp liberou R\$ 50 mil para protótipos de bikes mais leves, que contam como trabalho de iniciação científica

NATÁLIA CANCIAN
ENVIADA ESPECIAL A CAMPINAS (SP)

De segunda a quinta, o estudante de engenharia química Reginaldo da Silva, 20, corre para pegar uma das bicicletas amarelas que ficam embaixo de uma marquise da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas).

Sem o equipamento, o projeto de Reginaldo até outro edifício do campus, onde tem aulas no período da tarde, leva 15 minutos. Com a bicicleta, são menos de cinco.

O empréstimo de bicicletas começa a se disseminar por universidades brasileiras.

A maioria das iniciativas surgiu dos estudantes. Em Campinas, são eles que assumirão a nova etapa do projeto, que funciona há um ano em fase experimental.

Nove alunos vão desenvolver um sistema de engate dos equipamentos e um controle automático de identificação dos usuários por meio do reconhecimento do chip no cartão universitário.

Em seguida, devem projetar a própria bicicleta — a ideia é passar de dez para 150 até o fim do ano que vem. “Queremos diminuir o peso e usar um material mais sustentável”, diz Tiago Henrique Sossai, 23, aluno de engenharia mecânica. A universidade liberou R\$ 50 mil para os protótipos, que contam como trabalho de iniciação científica.

“Queremos fazer também um aplicativo que permita saber, pelo celular, qual o número de bicicletas disponíveis em cada ponto e qual deles está mais perto”, diz o estudante Sylvio Cardoso, 21.

Hoje, só há um ponto para retirar e devolver as bikes, uma das principais queixas dos alunos — a outra é a necessidade de manutenção, o que reduz o número de bicicletas. “Parece legal. Mas toda vez que eu cogitei usar, não tinha mais [bicicleta disponível]”, diz a aluna Sarah Rossetti Machado, 21.

EMPURRÃOZINHO

Em São Paulo, são 16 bicicletas disponíveis para empréstimo (leia ao lado).

Na Furg, em Rio Grande (RS), alunos têm 50 bicicletas para usar por uma hora. Segundo a pró-reitora de assuntos estudantis, Darlene Pereira, a ideia é dobrar o número de bikes e aumentar os pontos no segundo semestre.

“Além de facilitar o acesso e a locomoção, incentiva o hábito saudável”, diz.

As bicicletas também devem voltar a circular em breve na UnB, em Brasília. Lá, o equipamento, que era doado, ficava espalhado em vários pontos da universidade — era só passar e pegar.

Mas o projeto derrapou por causa do vandalismo. Segundo o voluntário Douglas Paignez, várias peças das bikes foram furtadas.

Agora, alunos estudam reorganizar o empréstimo através de uma parceria com os centros acadêmicos. “Queremos fazer um contrato para que cada um deles seja responsável. Assim podemos ter mais controle”, afirma.

Queremos desenvolver também um aplicativo que permita saber, pelo celular, qual o número de bicicletas disponíveis em cada ponto e qual deles está mais perto

SYLVIO CARDOSO
Estudante da Unicamp

BIKE UNIVERSITÁRIA

Confira como funciona o sistema de empréstimo de bicicletas em algumas universidades*

	Mobic	Bicicleta Livre	Pedalusp
	Unicamp, em Campinas/SP	UnB, em Brasília/DF	USP, em São Paulo/SP →
Onde retirar	Em frente ao prédio do SAE (Serviço de Apoio ao Estudante)	Em qualquer lugar do campus	Metrô Butantã e em frente ao portão 1
Quantidade	10 bicicletas	40 bicicletas	16 bicicletas
Tempo de uso	Até quatro horas	Sem limite	Até 30 minutos
Como	O estudante precisa fazer um cadastro na internet e apresentar a identidade estudantil	Projeto está temporariamente suspenso; há dificuldade no controle das bicicletas	É preciso fazer um cadastro na internet, utilizando o chamado “número USP”
	Expansão Com ajuda dos alunos, pretende ampliar para 150 o número de bicicletas disponíveis até 2013	Retorno Após um ano paradas, as bicicletas recolhidas devem voltar à circulação no segundo semestre	Expansão O projeto quer atingir cerca de 250 bicicletas e construir mais 24 estações

*Outras iniciativas: Furg (RS), Unit (SE), UFSC (SC) e UFPR (PR)

EXPANSÃO DO PEDALUSP Sistema de compartilhamento de bicicletas da USP terá 26 estações

- 1 Metrô Butantã
- 2 Portão 1
- 3 Fepasa
- 4 Cepeusp
- 5 Bandeirão central
- 6 FFLCH (História/Geografia)
- 7 ECA
- 8 FEA
- 9 FAU/IME/IO
- 10 Poli (Civil/Biênio)
- 11 Educação
- 12 Crusp/Raia
- 13 Psicologia
- 14 Poli (Mecânica)
- 15 Terminal de ônibus
- 16 Física
- 17 Cocesp
- 18 São Remo
- 19 HU
- 20 Odontologia
- 21 Portão 3
- 22 Estrada do Mercadinho
- 23 Vila Indiana
- 24 IB
- 25 Química
- 26 FFLCH (Filosofia)

USP tem projeto para ampliar estações

Previsão é concluir sistema em três meses

ANDRESSA TAFFAREL
DE SÃO PAULO

O sistema de empréstimo de bicicletas da USP vai ganhar cerca de 250 bicicletas e outras 24 estações.

Estudo realizado por engenheiros da Poli mostra que esse seria o número ideal para atender alunos, professores e funcionários da Cidade Universitária —que, juntos, somam quase 63 mil pessoas.

Atualmente, são 16 bikes e dois locais de empréstimo e devolução —um na estação Butantã do metrô e outro no portão 1 do campus.

Para escolher os novos pontos de retirada e devolução de bikes, levou-se em consideração o total de pessoas que passam pelo local, a origem e o destino delas e se ali há algum “ponto de atração” —caso do restaurante universitário.

Apesar de usar o estudo como base, o projeto final de expansão do PedalUSP pode sofrer alterações. “Numa análise prévia, já constatamos que uma das estações, por exemplo, pode não ficar no lugar previsto”, afirma Claudio Ter-

vydis, responsável pela implantação do PedalUSP.

A instituição está finalizando o edital para a contratação da empresa responsável pela implantação das estações. Segundo Tervydis, a estimativa é que, após a escolha da empresa, a expansão seja finalizada em três meses.

A proposta da USP é que as estações possam ser transferidas caso a grande procura em determinado local não se confirme. Em cada ponto, haverá dez bikes e 16 baias para estacionamento.

BAIXA PROCURA

Atualmente, o PedalUSP tem cerca de 2.500 pessoas cadastradas, a maioria alunos.

A procura pelas bicicletas, porém, anda em baixa. Depois que os ônibus circulares dentro do campus passaram a ir até o metrô Butantã, muitos usuários trocaram as bikes pelos coletivos —gratuitos para quem estuda ou trabalha na Cidade Universitária.

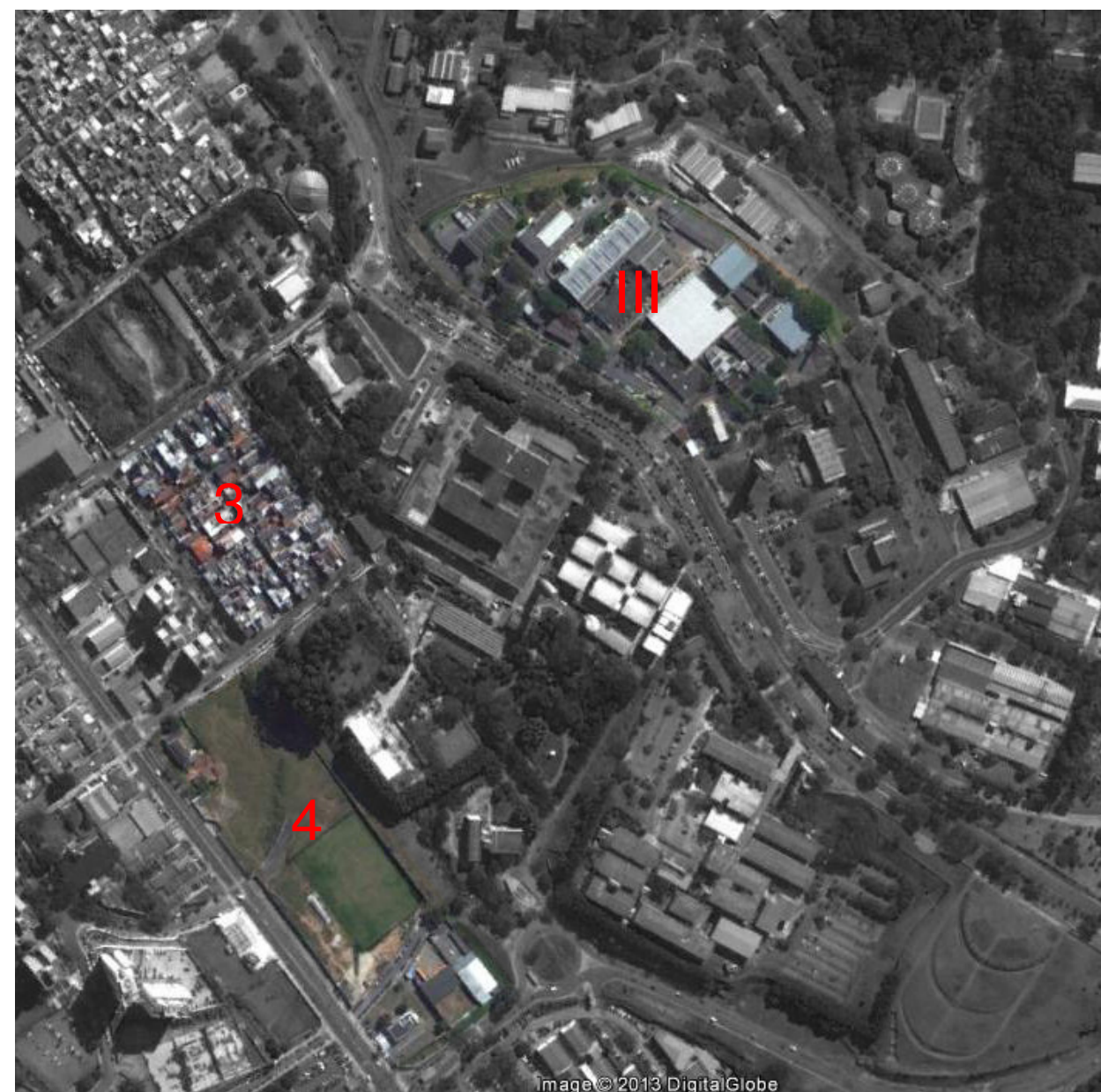
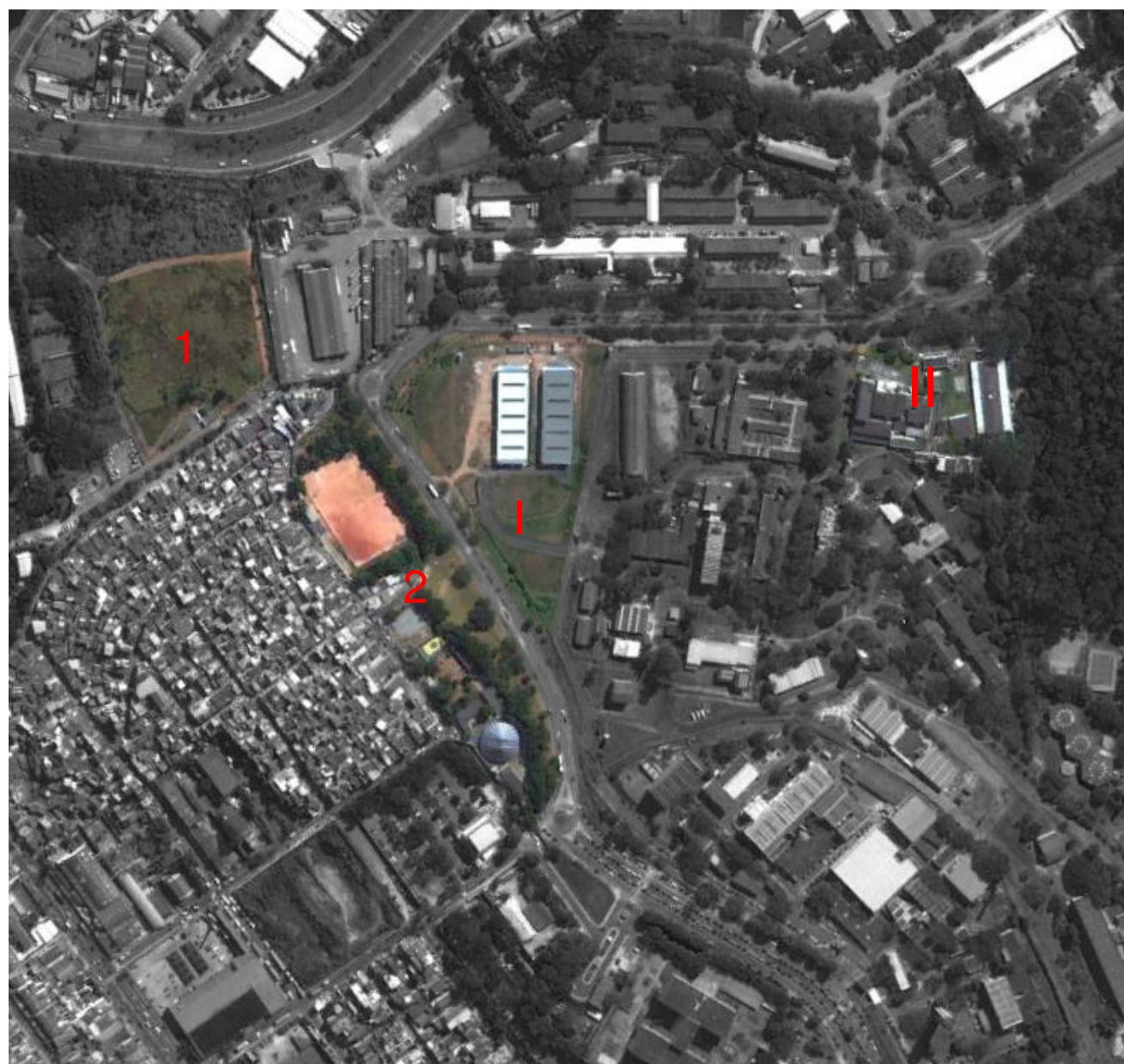
E o caso do estudante de turismo Rodrigo Campos, 21. Ele diz, porém, que o proble-

ma dos ônibus é que “estão sempre lotados, demoram muito e, às vezes, fazem um trajeto muito longo”.

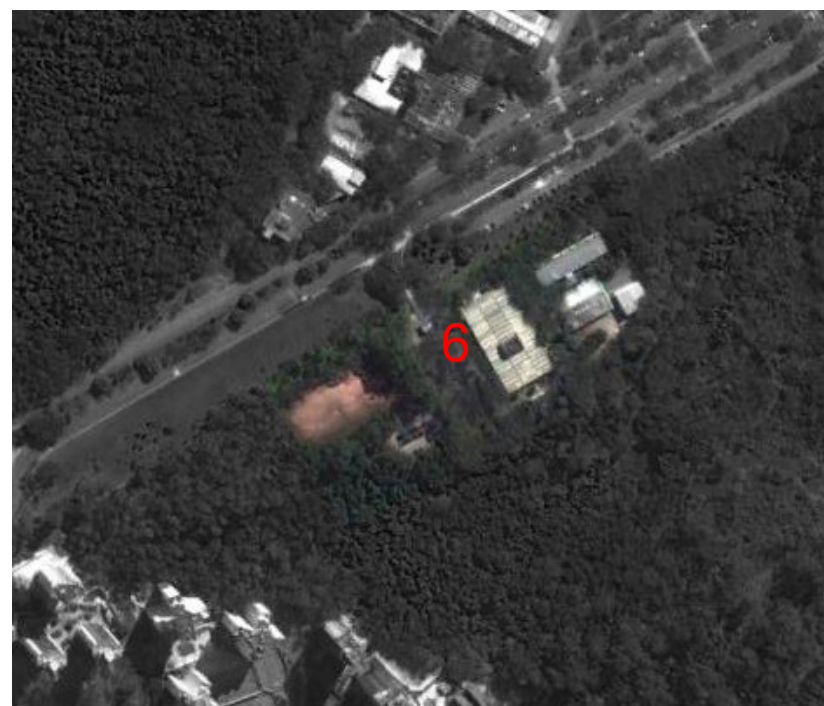
Assim como vários alunos ouvidos pela **Folha**, ele diz que optaria pelo PedalUSP se houvesse estações dentro do campus. Mas ressalva: “Precisa aperfeiçoar o sistema, porque tem dias que a bicicleta trava e não dá para retirar”.

Tervydis afirma que esses e outros problemas serão solucionados após a expansão, já que as atuais estações ainda estão em fase de testes.

ÁREAS PARA EXPANSÃO DO CAMPUS



ÁREAS PARA EXPANSÃO DO CAMPUS



Iluminação Noturna do Campus

Bueiros Sustentáveis